

## **ESTÍMULOS DESENCADEADORES DA RAIVA NA ESCOLA PÚBLICA**

Anniely Laís Lima Melo, Stephanie Natalia da Silva Santos, Elisa Pereira Gonsalves Possebon

*Universidade Federal da Paraíba, annylais8@gmail.com, stephane1410@gmail.com, elisa.gonsalves@gmail.com*

**Resumo:** O presente artigo aborda a temática de forma específica, atentando para a emoção da raiva no universo escolar. A emoção da raiva compreendida como uma emoção que vem de um sentimento de protesto e indignação quando o sujeito sente-se ofendido é uma emoção protetora. Por esse olhar vai de encontro com a Educação Emocional com o intuito de promover o bem estar subjetivo e uma educação libertadora, a educação emocional é um processo contínuo, educativo e urgente. Neste projeto objetivou-se identificar quais são as situações que desencadeiam a raiva nos adolescentes que estão na rede pública de ensino, a fim de verificar em que medida as situações são potencialmente conflitivas no cotidiano escolar e relações entre os adolescentes. Foi utilizado neste processo de investigação o questionário aberto denominado “Diário das Emoções”, totalizando 280 alunos do 1º ao 9º ano na Escola Municipal David Trindade, localizada em Mangabeira- PB com o intuito de identificar os elementos desencadeadores das emoções de acordo com os adolescentes. A organização do projeto foi dividida em três: aplicação dos questionários; investigação/categorias de informação; e, codificação e análise dos dados. Após a análise dos dados no que diz respeito à emoção da raiva, a partir dos depoimentos dos adolescentes foram apontados por eles alguns estímulos competentes que desencadeiam a raiva na escola como: família; agressão; invasão de privacidade; falta de atenção; ciúmes; falsidade/mentira; injustiça, fofoca e apelido. Essas práticas e atitudes estão fazendo parte do cotidiano escolar, sobretudo das relações entre adolescentes, desencadeando conflitos e comportamentos agressivos.

**Palavras-chave:** raiva, adolescentes, educação emocional

### **INTRODUÇÃO**

A Educação Emocional - EE é um tema novo que pouco a pouco tem se expandido, ganhando força e interesse de pesquisadores e pesquisadoras. Com o intuito de promover uma educação e uma vida libertadora, a Educação Emocional propõe o bem estar subjetivo e a alfabetização das emoções, buscando o equilíbrio entre o que sentimos para a forma que reagimos a situações ocorridas no nosso dia-a-dia.

O presente artigo aborda a temática de forma específica, atentando para a emoção da raiva no universo escolar. Para tanto, buscou-se identificar quais são as situações que desencadeiam a raiva nos adolescentes que estão na rede pública de ensino, a fim de verificar em que medida tais situações são potencialmente conflitivas no cotidiano escolar.

Cabe destacar que os dados apresentados neste artigo, assim como as reflexões que o integram, fazem parte do processo de conhecimento e de investigação do Grupo de Pesquisa em

Educação Emocional - GRUPEE, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba. Trata-se de um subproduto de uma pesquisa denominada “Emoções na Escola”.

## A EDUCAÇÃO EMOCIONAL

Na escola atual, caracterizada pelo processo de globalização e inovações tecnológicas, o “projeto educativo teve como objetivo adequar à educação escolar as novas demandas e exigências do mercado” (LIBÂNEO, OLIVEIRA, TOSCHI, 2012, p. 132). Neste sentido, visa cumprir o que é exigido pelo mercado na sociedade atual, a educação passa a ser meramente técnica, abarcada de conhecimentos e com isso torna-se mais importante o cognitivo do que o afetivo. Segundo os mesmos autores, a educação escolar passa a ser pautada como “competitiva, fragmentada, dualizada e seletiva social e culturalmente” (LIBÂNEO, OLIVEIRA, TOSCHI, 2012, p. 132).

Porém, como afirmam os autores,

a educação de qualidade é aquela que mediante a qual a escola promove, para todos, o domínio dos conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas indispensáveis ao atendimento de necessidades individuais e sociais dos alunos, bem como a inserção no mundo e a constituição da cidadania também como poder de participação, tendo em vista a construção de uma sociedade mais igualitária. (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2012, p. 132).

Segundo Soares (2016), instaurar uma educação pautada na afetividade como aprendizagem essencial para a vida escolar, “defende a afetividade como matéria escolar, considerando-a com tamanha importância para o processo de socialização” (SOARES, 2016, p. 207), é fundamental. Essa aprendizagem que prepara para a vida vai além de uma educação de cunho conteudista, bancária da educação formal. Nas palavras de Soares (2016, p. 209),

Dissociar a afetividade do cotidiano escolar é negar as relações de amizade e companheirismo; e favorecer os conflitos e desavenças que acontecem na rotina da convivência. Ambientes dissociados da emoção afetiva geram competitividade e agressividade, o que provoca, também, dificuldades na aquisição dos tão exigidos conteúdos escolares, uma vez que a aprendizagem está condicionada a atribuição de sentido.

A educação formal não deve ser centrada apenas no cognitivo dos alunos, mas deve também levar em consideração os sentimentos dos mesmos. O cognitivo e a afetividade devem andar juntos para que a educação e as relações escolares obtenham êxito. Por meio da afetividade, a gestão

escolar pode ter subsídios para a resolução de conflitos nas relações escolares e nas dificuldades de aprendizagens apresentadas por seus alunos.

Ainda segundo Soares (2016, p. 210), “a escola é um ambiente onde a socialização das crianças se expande, é lá que acontecem diferentes atitudes em relação ao outro com quem interagem. Atitudes egocêntricas, agressivas, preconceituosas, fazem parte da cena escolar”. Desse modo, fica ainda mais claro que as relações sociais da escola são pautadas por comportamentos que levantam o olhar preocupante da Educação Emocional no ambiente escolar. Convívios que são pautados por condutas que agredem o outro, são características preocupantes que abrem os nossos olhos para uma intervenção por parte da gestão escolar, seja entre eles, seja através de um grupo mediador que facilite esse processo de acompanhamento e ajuda na escola. Mas, por onde de fato se deve começar esse incentivo não é apenas através da gestão escolar, primeira responsável dentro da escola a tomar medidas, mas deve ser algo proposto desde os cursos de licenciaturas e formações continuadas para os profissionais da educação, para que, desde o começo os profissionais da educação saibam trabalhar e identificar (desde o início) comportamentos desreguladores presentes no público das escolas.

Acredita-se que através de uma educação que conduz os alunos a prática da afetividade é o caminho possível para conquistar um mundo em que as pessoas não tenham comportamentos destrutivos (SOARES, 2016, p. 276) enfatiza que “o educador biocêntrico é aquele que acredita na mudança, que ama a vida, que se compromete ética e amorosamente com o desenvolvimento intelectual e afetivo de seu aluno, ensinando-o, conduzindo-o pelas mãos e convidando-o a descobrir o mundo e perceber-se como parte imprescindível na teia da vida”.

Para isso, a Educação Emocional possui uma importante atuação na satisfação de necessidades sociais apresentadas pelos estudantes e professores, nas quais as necessidades não são, ainda, garantidas pela educação formal. Assim, a Educação Emocional se apresenta como um processo educativo que potencializa o desenvolvimento emocional na vida das pessoas, na qual percebemos a urgência em incluir no currículo dos professores, assim como dos alunos.

Autores como Bisquerra (2000), González (2015) e Vallés (2011) destacam a importância da regulação das emoções em nossas vidas, com o objetivo primeiro de aumentar o bem estar pessoal e social dos sujeitos (BISQUERRA, 2000).

Nas palavras de Bisquerra (2000), a Educação Emocional pode ser compreendida como um

processo educativo, contínuo e permanente, que pretende potencializar o desenvolvimento emocional como complemento indispensável ao desenvolvimento cognitivo, constituindo

ambos os elementos essenciais de desenvolvimento da personalidade integral. Para isso se propõe o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades sobre as emoções com o objetivo de capacitar o indivíduo para lidar melhor com os desafios que se colocam na sua vida cotidiana (BISQUERRA, 2000, p. 243, *tradução nossa*).

Assim, a Educação Emocional é uma forma de prevenção primária inespecífica, que tem interesse em desenvolver competências emocionais, que podem ser aplicadas em situações pessoais e sociais, buscando prevenir situações como a violência, depressão, ansiedade, etc., contribuindo para que se tenha bem estar subjetivo e coletivo (BISQUERRA, 2000). Podemos perceber que o interesse da Educação Emocional é a prevenção de desregulações e até transtornos que podem ser causados se não despertar o cuidado e a preocupação com as emoções sentidas.

A Educação Emocional é compreendida como “um processo educativo e preventivo articulado sobre programas cujo intuito é desenvolver a inteligência emocional e/ou as competências emocionais ou socioemocionais” (GONZÁLES, 2015, p. 58).

A Educação Emocional também pode ser compreendida como “processo de formação da personalidade mediante o qual os estudantes desenvolvem as competências para tomar consciência das próprias emoções, sentimentos, de seus estados de ânimo e o dos demais” (VALLÉS, 2011, p. 3). A Educação Emocional é um processo educativo necessário para ampliar o bem estar subjetivo, como também na harmonização das relações pessoais e sociais, exercendo-se como potencializador de competências emocionais e socioemocionais.

## METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal David Trindade, localizada no bairro de Mangabeira, na cidade de João Pessoa/PB. A escolha da escola se deu pela acolhida da proposta da Educação Emocional, pois trata-se de uma escola-parceira, que há anos coloca-se à disposição do GRUPEE para atividades e experiências educativas. A escola conta com turmas do Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano e da Educação de Jovens e Adultos (EJA), ministradas por professores formados na área da educação.

Tendo como objetivo da investigação compreender a percepção dos alunos acerca da raiva, optou-se por uma pesquisa de cunho qualitativo, que para Strauss e Corbin (2008, p. 24) é “um processo não-matemático de interpretação, feito com o objetivo de descobrir conceitos e relações nos dados brutos e de descobrir conceitos e relações em um esquema explanatório teórico”. Com isso, o estudo visa identificar situações que provocam raiva no universo adolescente.

Para atender a expectativa, foi usado o “Diário das Emoções”, que é um questionário aberto contendo perguntas sobre quais situações fazem com que os sujeitos sintam determinada emoção, como a gratidão, raiva, inveja, alegria, etc. e cada página desse diário refere a uma emoção. Os sujeitos da pesquisa foram os alunos das turmas do 6º ao 9º ano da Educação Básica da Escola Pública da rede municipal de ensino, localizada na periferia da cidade.

O desenrolar da investigação se deu por meio de três etapas. A primeira foi de caráter exploratório, aplicando um questionário aberto - Diário das Emoções, perguntando sobre quais eram as situações que sentiam emoções, como raiva, medo, alegria, dentre outras (cada página correspondia a uma emoção), pedindo que descrevessem essa situação. Para a aplicação do questionário, todas as formalidades foram devidamente cumpridas, como a confidencialidade e o consentimento da escola e das famílias dos adolescentes, como também a aprovação pelo Comitê de Ética para o estudo e aplicação dos questionários.

O questionário foi aplicado presencialmente na escola no dia 27 de setembro de 2016, aplicados pela equipe do projeto Emoções na Escola, constituída por pesquisadores em educação, um total de 280 questionários, sendo 93 no 6º ano, 61 no 7º ano, 69 no 8º ano e 57 no 9º ano. Os alunos presentes na execução dos questionários aceitaram contribuir com a investigação, dispendo interesse em participar, não havendo nenhum caso de rejeição. A aplicação ocorreu nas salas de aula e o tempo de resposta foi entre 20 a 30 minutos.

Na segunda etapa da investigação, de cunho organizacional, desenvolveu-se as categorias de informações. Cada página do Diário das Emoções foi identificada pelo número do caderno (correspondente a uma emoção), como por exemplo, A7.15 (que quer dizer: Escola A, 7º ano, diário número 15). A busca dessa organização foi para identificar correlações internas nas respostas dos adolescentes.

Por último, na terceira etapa da investigação, dedicamo-nos a codificação e análise, que segundo Creswell (2014) permitiu analisar a base dos dados coletados, para estabelecer relações e explicações com a literatura já estudada, verificando assim a existência ou não de elementos inovadores. Neste artigo, expomos os resultados da análise referentes a emoção da raiva.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os depoimentos do Diário das Emoções, podemos compreender e identificar os seguintes estímulos emocionais competentes desencadeadores da raiva, entre os adolescentes:

família; agressão; invasão de privacidade; falta de atenção; ciúmes; falsidade/mentira; injustiça, que são classificados como os fatores que impulsionam a raiva.

Para o desencadeamento das emoções, são necessários os chamados Elementos Potenciais, que na raiva são caracterizados como: ofensas, agressões, injustiças, bloqueio de metas resultando em frustração, ferir a dignidade pessoal, situações de vexame, acontecimentos irritantes e provocações verbais e não verbais. Como cita FRAZZETTO (2014, p. 15), “expressamos raiva quando somos maltratados, quando sentimos que fomos enganados, quando alguém nos ofende ou quando não toleramos algum tipo de comportamento”.

Os adolescentes registram esse fato afirmando que:

*O que me deixa com muita raiva é a desigualdade e a discriminação social e religiosa. E o preconceito com os pobres (Discente 8.55)*

*Ato de preconceito, discriminação e outras coisas (Discente 8.21)*

*Quando vejo um ato de agressão, racismo, de bullying (Discente 8.22)*

*A desigualdade, má distribuição de renda (Discente 8.11)*

*Justamente de algo, tipo: ameaças, acusações, principalmente ameaças de algo que não fiz e sem necessidade (Discente 9.25)*

Os adolescentes afirmam que tendem a ter raiva quando alguém realiza um comportamento que consideram errado, desagradável, impróprio. Isso ocorre através do Estímulo Emocional Competente - EEC, que age de acordo com o que o se considera importante, de acordo com sua cultura, religião, crença e a sociedade em que vive. O indivíduo, quando valoriza algo, tende a reagir em forma de defesa e proteção quando o que estima é atacado ou está em perigo.

É importante ressaltar, segundo Edelman (2014, p. 134), que “a verdade é que outras pessoas de fato não nos enfurecem – elas apenas fornecem um estímulo. Os indivíduos enfurecem pela crença em que as circunstâncias não deviam ser assim”. As pessoas em si não são as causadoras de nossas reações raivosas, não são o motivo de sentirmos raiva, mas sim o que elas fazem que funcionam como um estímulo emocional competente que sinaliza nosso corpo sobre o que valoramos como importante, nos alertando que tal coisa afeta nossa proteção e nosso bem-estar.

A raiva possui como Estímulos Emocionais Competentes (EEC) os meios sociais, a família e o individual, ou seja, esses três espaços fazem com que nós reajamos aos acontecimentos, pois são lugares que consideramos como importantes e onde tendemos a defender, a proteger. Por exemplo, podemos perceber o sentimento de raiva no meio familiar quando ferem o direito à privacidade.





Além disso, foi constatado que vários estímulos podem desencadear a raiva nos adolescentes: a autoridade dos nossos pais; no meio social chama a atenção aos maus tratos aos idosos, crianças, o não conseguir aprender, não tirar boas notas, brincadeiras de mau gosto, a agressão verbal, a fofoca, a mentira, injustiças, desigualdades sociais; e no individual, a ironia, o humorismo, etc.

Quando indagados sobre as situações que fazem com que se sintam raiva, os/as adolescentes afirmam:

*Quando a minha mãe não deixa eu sair pra um lugar que eu gosto muito (Discente 7.3)*

*Quando alguém mexe nas minhas coisas e não colocam no mesmo lugar, quando pegam meu celular sem a minha permissão (Discente 6.26)*

*Pessoas mexendo no meu cabelo (Discente 6.88)*

*Quando uma pessoa chega e toma meu vídeo game (Discente 7.57)  
Pessoas que pegam no meu joelho ou no meu ombro e pessoas que falam mal do meu estilo musical (Discente 6.46)*

Como destacado, os adolescentes sentem raiva quando sua privacidade ou seu espaço são invadidos, pois se sentem incomodadas/dos com tais situações, como pegar algo sem permissão, ser tocado sem autorização e provocado. A partir disso, relatam que sentem vontade de bater no outro quando essas situações acontecem. De acordo com (GLIBER; CHIPARI, 2007, p.10), “as pessoas têm uma área ao redor do corpo que pode ser classificada como íntima, pessoal, social ou pública dependendo da distância entre seus corpos e o do próximo” sendo este um espaço de segurança, e quando é invadido geralmente surgem comportamentos muitas vezes não-verbais como: afastamento, desvio de olhar, e no geral demonstram o incômodo com a situação (GLIBER; CHIPARI, 2007). Afinal, a invasão desse espaço fere a sua dignidade, e a privacidade é tanto um direito como também uma necessidade do ser humano, sendo assim ela indispensável para a convivência entre todos (PUPULIM; SAWADA, 2002).

Os adolescentes também relatam sentir raiva quando sentem ciúmes de algo ou de alguém, afirmando que sentem raiva em tais situações:

*Ver minha mãe elogiando minha amiga (Discente 6.54)*

*Quando meu pai leva meu irmão para passear (Discente 6.65)*

*As amiguinhas do boy conversando com ele (Discente 7.3)*

*Ver minhas amigas conversando com quem eu gosto, quando estou com ciúmes mesmo sem eu conhecer a pessoa (Discente 7.11)*

*O meu ciúme me deixa com raiva várias vezes (Discente 7.47)*

Segundo Torres, Cerqueira e Dias (1999), o ciúme é desencadeado pela ameaça de estabilidade ou até mesmo qualidade de um relacionamento valorizado. Dentre os elementos que podem desencadear o ciúme, destacam-se três elementos: uma reação a uma ameaça recebida, haver um rival que seja real ou imaginário e reação para eliminar os riscos da perda desse amor.

É importante destacar que as relações sociais na escola e na família dos adolescentes merecem mais atenção por parte da gestão e comunidade escolar, pois como afirma Libâneo (2012, p. 132), “a educação deve ser entendida como fator de realização da cidadania, com padrões de qualidade da oferta e do produto, na luta contra a superação das desigualdades sociais e da exclusão social”. Além disso, são as violências simbólicas que ocorrem no cotidiano escolar, sobretudo na vida dos adolescentes.

Segundo Souza (2012, p. 21),

“[...] a violência simbólica se expressa na imposição legítima e dissimulada, com a interiorização da cultura dominante e há uma correlação entre as desigualdades sociais e escolares” e que “podemos considerar a violência como todo ato ao qual se aplique uma dose de força excessiva e a agressão como uma forma de violência (força contra alguém aplicada de maneira intencional, com a pretensão de causar um dano à outra pessoa)”.

Destaca-se, porém, que toda agressão também é um ato de violência, pois se utiliza da força. (SOUZA, 2012). De acordo com os depoimentos dos adolescentes a agressão, tanto a física quanto a verbal, afirmam que sentem raiva quando:

*Pessoas maltratadas, animais, crianças, e pessoas que moram na rua (Discente 8.62)*

*Quando brigam comigo (Discente 6.48)*

*Brigas com pessoas que gosto (Discente 7.14)*

*Quando um durão quer bater em mim (Discente 6.2)*

*Quando uma pessoa está batendo em uma pessoa menor (Discente 6.66)*

A violência acontece através de uma força que é um ato intencional contra alguém tendo vontade de machucar a outra pessoa. Isso ocorre de diversas formas no espaço escolar e muitas



vezes, por ser uma violência que é facilmente despercebida, torna-se cada vez mais frequente. De acordo com Andrade (2012, p. 22) pode se definir violência como “tudo que comporte abuso: abuso de atitudes, nas relações, na vida cotidiana, na família, na escola”. Geralmente seus alarmes são silenciosos, a violência silenciosa é “qualquer ato que cause dano físico, moral ou psicológico ao indivíduo e a um grupo” (MOREIRA, 2012, p.37). No que diz respeito a violência física “ocorre quando alguém causa ou tenta causar dano, por meio de força física, de algum tipo de arma ou instrumento que pode causar lesões internas: hemorragias, fraturas, e externas como cortes, hematomas e feridas (SILVA et al 2007, p. 96).

Outro aspecto relacionado com a raiva é a falta de atenção, afirmada entre os adolescentes nos seguintes termos:

*Visualizar e não me responder (Discente 6.58)*

*Quando as pessoas não param pra escutar opiniões (Discente 7.14)*

*Quando tem várias pessoas ao meu redor sem me dá atenção (Discente 8.19)*

*Quando meus amigos me excluem (Discente 8.58)*

*Pessoas que me ignoram (Discente 9.22)*

*Me deixar no vácuo, me trocar por outra pessoa (Discente 9.13)*

Os motivos identificados que provocam raiva nos adolescentes são as agressões verbais que sofrem na escola. Tais agressões os afetam moral e psicologicamente, o que ocasiona um grande problema para o desenvolvimento de suas capacidades e relações sociais, pois interferem no seu desenvolvimento e nas interações coletivas do qual são muitas vezes privados, seja por exclusão do próprio grupo, seja por não se sentir confortável a participar desse mesmo grupo, “o isolamento social ativo ilustra o que sucede quando os sujeitos se isolam do seu grupo de pares como consequência de comportamentos de rejeição e de vitimização por parte dos outros. Neste caso, o sujeito não se isola ele próprio, mas é isolado pelo seu grupo de pares” (FERREIRA, 2013, p. 118).

Também foram registrados tipos de violência verbal como apelidos e as fofocas. De acordo com os adolescentes, a raiva aparece quando:

*Meus amigos não são verdadeiros o suficiente (Discente 8.22)*

*Uma pessoa que eu considero amiga e é falso comigo. De pessoas caras pau, quando a pessoa é falsa e ainda sim finge ser amigo (Discente 9.36)*

*As pessoas mentirem pra mim, me enganar ou me fazerem de boba (Discente 8.27)*

*Quando mentem pra mim (Discente 8.35)*

*Quando alguém fala que fiz uma coisa sem ter feito (Discente 8.46)*

*Quando falam mentiras de mim (Discente 9.31)*

Apelidos e fofocas desqualificam e afetam diretamente com a integridade e dignidade dos indivíduos, o que afeta automaticamente o valor social que esperam das pessoas que os cercam. Os apelidos deveriam ser apenas uma forma carinhosa de chamar alguém querido, mas utilizam dos apelidos para ferir com a dignidade do outro e desqualificar, sujando a sua imagem. E a fofoca é uma forma arriscada de lidar com informações que são passadas de uma pessoa para outra, mas se torna ainda mais perigosa quando, de propósito, usa-se da fofoca para falar mal do outro, e assim como acontece com o apelido, a fofoca também tem o poder de desqualificar e manchar a integridade do outro, afetando também sua autoestima.

Os adolescentes se sentem diminuídos/as e excluídos/as do meio social por serem considerados/as pelos estigmas que são impostos pelos apelidos e fofocas, crendo que essa será a imagem que as pessoas irão ter de si e como serão reconhecidos a partir de então.

No que diz respeito ao apelido compreendemos a importância do nome próprio que tem sua função de identificação pessoal, jurídica, de classificação da família na sociedade e cultural e traz uma significação a cada pessoa. O apelido é o ato ou efeito de chamar, uma forma de convocar o outro. É a designação atribuída a alguém, por um nome diferente do seu (SOUZA; DANZIATO, 2014). O apelido na escola não significa um nome diferente, atribuído de forma carinhosa, geralmente passa a existir em um contexto de desqualificação, com objetivo de negar o outro. Negar o outro é discriminar e “corresponde de preferência a uma lógica de hierarquização” (WIEVIORKA, 2007, p. 68).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os elementos desencadeadores da raiva na visão dos adolescentes que foram destacados de acordo com os depoimentos elementos potenciais são: a discriminação; invasão do espaço e privacidade; ciúmes; quando é vítima ou alguém que goste de agressão física e verbal; a falta de atenção; apelido e fofoca. Registrou-se que a presença da emoção da raiva não está restrita aos

casos de agressão física na escola; de fato, aquela emoção alimenta uma rede invisível de relações interpessoais, marcando presença nos sujeitos, quer sejam vítimas ou agressores.

Foram destacadas formas múltiplas de estímulos competentes para emergência da raiva, entretanto, um elemento comum foi o fato de que ela, invariavelmente, está associada ao preconceito. Este parece ser um elemento fundamental para desconstrução de formas discriminatórias na escola, em busca de uma convivência mais afetiva.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Fernando. **Escola: faces da violência, faces da paz.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.
- CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa.** Porto Alegre: Penso, 2014.
- EDELMAN, Sarah. Controlar a raiva. In: **Basta pensar diferente.** Brasil: Editora Novo Fundamento, 1º edição, 2014. p. 110-159.
- FERREIRA, Débora et al. **Isolamento social e sentimento de solidão em jovens adolescentes.** *Análise Psicológica* (2013), v.2, nº XXXI, p. 117-127, 2013.
- FRAZZETTO, Giovanni. Raiva: acessos. In: **Alegria, culpa, raiva, amor.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira Participações S.A, 1º edição, 2014, p. 13-47.
- GLIBER, Ana Rosa; CHIPPARI, Mariantonia. **Invasão do espaço pessoal: um estudo observacional em uma biblioteca universitária.** *Psicólogo informação*, vol. 11, nº 11, jan./dez, 2007.
- GONSALVES, Elisa Pereira. **Educação e Emoções.** São Paulo: Editora Alínea, 2014.
- LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar: políticas, estruturas e organização.** São Paulo: Cortez, 10º edição revisada e ampliada, 2012.
- MOREIRA, Dirceu. **Transtorno do assédio moral-bullying: a violência silenciosa.** 2 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.
- PÉREZ, Gonzaléz. **Inteligencia Emocional enEducacion.** Barcelona: Sinieses, 2015.
- POSSEBON, Elisa Gonsalves. **O universo das emoções: uma introdução/** Elisa Gonsalves Possebon. – João Pessoa: Libellus Editorial, 2017.
- PUPULIM, Jussara Simone Lenzi; SAWADA, Namie Okino. **O cuidado de enfermagem e a invasão da privacidade do doente: ade do doente: uma questão ético-moral.** São Paulo: Rev. Latino-am enfermagem, 2002.

SILVA, Luciene Lemos et al. **Violência silenciosa: violência psicológica Violência silenciosa: como condição da violência física doméstica.** Interface – Comunicação, Saúde, Educação, v.11, nº 21, p.93-103, jan/abr, 2007.

SOARES, Lupércia Jeane. “Educação Biocêntrica: um novo olhar para o desenvolvimento integral do ser nas relações escolares.” In: GONSALVES, Elisa (org.). **Pesquisas em educação Biocêntrica: descobertas com afeto.** João Pessoa – PB: Libellus Editorial, 2016.

SOUZA, Leonardo Barros; DANZIATO, Leonardo José Barreira. **Das relações entre identificação e nomeação: o sujeito e o significante.** Revista Subjetividades, vol. 14, no.1, Fortaleza abr. 2014.

SOUZA, Liliane Pereira. **A violência simbólica na escola: contribuições de sociólogos franceses ao fenômeno da violência escolar brasileira.** Revista Labor, vol. 1, nº7, 2012.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada.** 2 edição. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TORRES, Albina Rodrigues; CERQUEIRA, Ana Teresa de Abreu Ramos; DIAS, Rodrigo da Silva. **O ciúme enquanto sintoma do transtorno obsessivo-compulsivo.** São Paulo: Rev. Bras. Psiquiatr. v.21 n.3, set. 1999.

VÁLLES, Arandiga. **Programa de Educação Emocional.** Madrid: EOS, 2011.

WIEVIORKA, Michel. **O racismo, uma introdução.** São Paulo: Perspectiva, 2007